



8

OS ACERVOS DIGITAIS NO REPOSITÓRIO TAINACAN:
ANÁLISE DA REPRESENTAÇÃO DA INFORMAÇÃO DOS
DOCUMENTOS ICONOGRÁFICOS DO MUSEU DO IPIRANGA

Dalton Lopes Martins
Renata Cardozo Padilha

1 Introdução

A digitalização de acervos e o desenvolvimento de novos produtos e serviços digitais de relacionamento com os usuários têm sido uma das frentes mais importantes de inovação na própria concepção das instituições de memória diante dos fenômenos contemporâneos de transformação digital da sociedade. Por instituições de memória, compreendem-se os museus, arquivos, bibliotecas, centros de informação, centros de cultura, pontos de cultura, entre outros inúmeros arranjos institucionais pensados e sistematizados para o exercício das funções sociais, aqui descritas de forma genérica, de seleção, organização, gestão, guarda e difusão de acervos culturais.

As instituições de memória têm se visto diante de um enorme desafio ao lidar com inovações tecnológicas decorrentes dos avanços computacionais que modificam e influenciam os modos de funcionamento de seus processos técnicos e suas possibilidades de atuação social desde meados do século XX. Os desafios seguem relacionados à construção de bases de dados, conversão de catálogos e índices manuais para softwares digitais, adoção de ferramentas de busca e recuperação da informação visando à integração de diferentes bases de dados para diferentes tipos de acervos documentais, relacionamento com o usuário que passa a atuar em diferentes ambientes e redes sociais, entre outros fatores.

No entanto, é sobretudo a partir da perspectiva cultural que se abre, quando os processos de digitalização transformam átomos em *bits*, que essas instituições enfrentam seus maiores desafios na contemporaneidade.

Com efeito, cada vez mais um museu se aproxima de uma biblioteca, uma biblioteca de um arquivo e um arquivo de um museu. [...] Mas devemos notar que esta convergência de processos tem aproximado estas instituições, seja por meio da interação resultante de soluções da tecnologia da informação, ou também pelo compromisso público que se tornou possível com a emergência deste novo campo da cultura: a cultura digital (PUNTONI, 2017, p. 121-122).

Martins (2018) define cultura digital como

(...) um conjunto de práticas sociais que acontecem de forma singular no espaço social digital. É importante destacar a ideia de singularidade para que se possa falar de cultura digital, visto que há práticas que só podem se dar nesse espaço social e que terminam por ser inerentes às condições desse espaço (possibilidades e restrições), quer sejam tais práticas técnicas, em relação ao meio no qual se dão, ou sociais, em relação ao tipo de interação por meio do qual se socializa.

É exatamente esta percepção a da atuação de forma singular em novo espaço social, que tem se constituído um enorme desafio para a atuação das instituições de memória na contemporaneidade. O que viabiliza este conjunto novo de práticas de atuação no espaço social digital é a possibilidade de compreendermos o fenômeno da digitalização “como um processo intrínseco de intensa manipulação entre máquinas e seres humanos no acréscimo de camadas de dados aos materiais físicos existentes” (JONES, 2014).

Ao compreender digitalização por tal perspectiva, percebe-se que o acréscimo de camadas de dados abre a possibilidade de instaurar o objeto, agora digitalizado, em inúmeras redes digitais e oferecer diferentes dinâmicas de circulação e socialização para ele. Ao discutir as implicações das novas práticas de atuação no espaço social digital para as instituições de memória, Martins (2018) propõe que elas sejam compreendidas como:

práticas que demandam novos suportes tecnológicos interacionais que permitem a manipulação de documentos, de objetos multimídia, de transformações informacionais e de manipulação de fluxos comunicacionais altamente flexíveis, tornando viáveis recombinações em tempo real de diferentes símbolos e fluxos simbólicos em novos objetos que dão passagem a novos tipos de relações sociais.

Mais ainda que o acréscimo de novas camadas de dados aos objetos culturais, Cameron (2020) define o processo de digitalização “não como um objeto, mas sim como uma dinâmica estendida, uma composição ecológica distribuída onde os procedimentos de interpretação e documentação precisam se reinventar para levar essa dinâmica em conta”. Estamos, portanto, diante de um novo fenômeno informacional a ser compreendido e apropriado socialmente de maneira a ampliar o potencial de socialização dos objetos culturais.

A possibilidade de criação de diferentes e complementares composições ecológicas distribuídas passa pela necessidade de se utilizar diferentes tecnologias, sistemas de informação, protocolos, algoritmos, interfaces nos quais a informação se rearticule dinamicamente em diferentes arranjos. Afinal de contas, uma pintura digitalizada e disponível em um repositório digital institucional é um arranjo que permite possibilidades e oferece restrições muito diferentes da pintura publicada em uma postagem no Instagram. Que possibilidades e restrições são essas? Como lidar com elas? Essas são questões que atualmente se tornaram fundamentais a serem discutidas no âmbito das instituições de memória e no setor cultural como um todo.

A própria ideia de composição reflete uma dimensão de criatividade nos modos de documentação, organização, exposição, relacionamento com o público e inúmeras outras dimensões ainda pouco experimentadas pelas instituições

de memória na sua relação com os projetos de digitalização. Quer seja pelas dificuldades e complexidades técnicas no uso e customização dos sistemas digitais atualmente disponíveis, quer pela falta de formação específica, ou mesmo pelo custo financeiro dessas tecnologias, muitas instituições de memória ainda possuem grandes dificuldades de avançar e experimentar novas possibilidades em seus projetos de digitalização.

Segundo dados da pesquisa TIC Cultura 2020 (LOYOLA, 2021),

a criação e a difusão de acervos digitais, no entanto, continuam sendo desafios para as instituições culturais brasileiras. Ainda que a digitalização de parte dos materiais tenha sido realizada por boa parte dos museus (68%), isso não correspondeu, necessariamente, à disponibilização do acervo em formato digital para o público (38%), sendo ainda menos comum sua disponibilização na Internet (25%). O acesso do público a esses materiais se dava majoritariamente na própria instituição (30%), e não remotamente por meios digitais, como em plataformas ou redes sociais (15%), site da instituição (13%) ou, ainda, repositórios de acervos digitais (12%).

É exatamente com o objetivo de impactar em melhorias o cenário das instituições culturais brasileiras e, ao mesmo tempo, incorporar novas possibilidades técnicas gestadas pela compreensão, que as perspectivas da cultura digital podem aportar à gestão dos acervos digitais que se iniciou no Brasil, no ano de 2014, com o projeto Tainacan. O objetivo deste artigo é analisar a representação da informação de acervos iconográficos do Museu do Ipiranga -USP pela perspectiva dos metadados utilizados para descrição da informação dos acervos digitais iconográficos, como auxílio aos pesquisadores de imagens nos acervos museológicos em diálogo com a prática informacional da cultura digital.

2 Projeto Tainacan: motivações e histórico

Em busca de sistematizar o histórico das políticas culturais voltadas para acervos digitais, Dias e Martins (2020) apresentam e discutem as contribuições dos principais documentos de referências, fóruns de discussão, eventos científicos e técnicos realizados, esboços de políticas e seus desdobramentos no âmbito do Plano Nacional de Cultura (Lei nº 12.343/2010). A partir desse levantamento, percebe-se que o Brasil chegou muito próximo da criação de uma política nacional para acervos digitais (TADDEI, 2010). Porém, seja por falta de vontade política explícita à época ou mesmo pela crise política que se iniciou no ano de 2015 e levou o Brasil a eleger um governo de extrema-direita, pouco se avançou no marco legal voltado ao incentivo e desenvolvimento setorial de acervos digitais no âmbito das instituições de memória.

No entanto, ainda derivado dos esforços que levaram a construção do Plano Nacional de Cultura, o projeto Tainacan se estabelece no ano de 2014 por meio de um acordo de cooperação entre a Universidade Federal de Goiás e o Ministério da Cultura com o objetivo de apoiar a customização de um sistema de informação que seria oferecido pelo ministério como uma solução de repositório digital para simplificar e incentivar a adoção pelas instituições de memória. A estratégia inicial era realizar um estudo comparativo, como diagnóstico, de diferentes *softwares* livres para repositórios digitais até então existentes, analisar suas potencialidades e dificuldades e escolher a solução que mais se adequaria aos requisitos da então política cultural em construção. Os resultados desta etapa da pesquisa foram publicados em Martins e Silva (2017) e Martins, Silva e Siqueira (2018).

Essas pesquisas apontavam que os *softwares* de repositórios digitais avaliados (DSpace, EPrints, Fedora, Greenstone e Islandora) apresentavam vários dos requisitos do projeto, mas, sem exceção, todos possuíam grandes carências em funcionalidades relacionadas à colaboração e interação social em rede. Além disso, eram ferramentas que apresentavam grau elevado de dificuldade de customização de interface gráfica, dificultando o exercício das instituições de memória nas diferentes possibilidades criativas de design gráfico e interfaces mais interativas com o usuário.

Por fim, um dos elementos que se tornou dos mais importantes para a decisão técnica da equipe responsável pelo projeto foi a avaliação do mercado de profissionais existentes no País com capacitação para oferecer serviços de suporte, treinamento e customização dos *softwares* de modo descentralizado. Para um projeto criado no âmbito de uma política pública, é fundamental que as soluções tecnológicas que ele adote e promova possuam o maior número possível de profissionais com conhecimento técnico já estabelecido, facilitando a independência das instituições de memória.

Apenas a título de exemplo, a busca na plataforma LinkedIn por empresas que prestem serviço nessas tecnologias, realizada no momento de escrita do artigo, em dezembro de 2022, apresenta como resultado apenas uma empresa na cidade do Rio de Janeiro que oferece serviços técnicos no *software* DSpace. Os demais *softwares* não possuem nenhuma menção na plataforma que, como sabemos, é uma das mais importantes no mercado corporativo em nível internacional.

Por conta das questões aqui relatadas, optou-se pela utilização do Wordpress para a construção do *software* que seria indicado como o elemento técnico de organização da informação dos acervos de instituições de memória da política nacional de acervos digitais brasileira. Na próxima seção, abordaremos a representação da informação do acervo iconográfico do Museu do Ipiranga na Plataforma Tainacan, a fim de compreender de que maneira a prática da cultura digital informacional se estabelece no sistema e de que modo o objeto museológico tem sua informação descrita para fins de pesquisa.

3 A representação da informação da coleção de documentos iconográficos do Museu do Ipiranga

O Museu do Ipiranga-USP, localizado na cidade de São Paulo, é um edifício-monumento que foi fechado para visitação do público em 2013 com o foco na realização do projeto de restauro, modernização e reorganização do prédio, do espaço expositivo e de seu acervo. Teve sua reinauguração em 2022, de modo que o acervo do museu está organizado em três coleções: documentos tridimensionais, documentos textuais e documentos iconográficos (Figura 8.1).

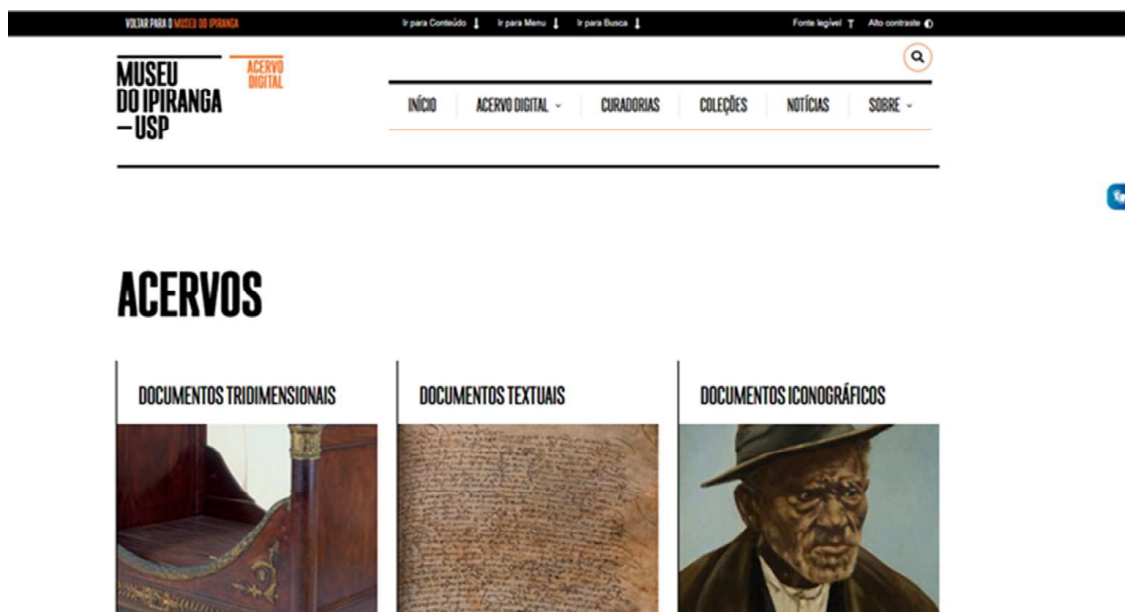


Figura 8.1 - Coleções do acervo do Museu do Ipiranga - USP.
Fonte: Universidade de São Paulo, 2023.

Para este artigo, buscamos a análise da coleção de documentos iconográficos que possuem obras como: pinturas, desenhos, gravuras, fotografias e cartografias, corresponde aos períodos entre século XIX e meados do século XX, e que apresentam diferentes técnicas e materiais para ilustrar paisagens da cidade de São Paulo, fazendas paulistas, personalidades políticas brasileiras, cenas e pessoas do cotidiano etc. (UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, 2023).

A partir da Figura 8.1, entendemos que os acervos museológicos apresentam o domínio da instituição por meio da sua organização em coleções, que podem ser caracterizadas por sua tipologia física (materiais) ou por área do conhecimento e/ou conceito (conteúdo). Segundo afirmam Bräscher e Café (2008, p. 5), “o objetivo do processo de organização da informação é possibilitar o acesso ao conhecimento contido na informação”. Cabe ressaltar que as coleções museológicas necessitam de tratamento da informação para que o acesso e a recuperação da informação aconteçam e possam atender as necessidades de informação dos seus públicos.

Assim, destacamos que é necessário realizar a descrição física e de conteúdo dos objetos informacionais, o que resulta na representação da informação. Conforme Café e Sales (2010, p. 118), “a descrição física de um objeto informacional se dá pelo processo de catalogação cujo resultado é a representação do suporte físico ou documento. Pode utilizar linguagem específica, normas e formatos que padronizam esse tipo de descrição”.

Nesse caso, tratamos a padronização pela escolha dos metadados empregados para descrição da informação dos acervos digitais em rede. Conforme aponta Marcondes (2006, p.97), os metadados são dados sobre dados, ou seja, “são dados associados a um recurso web, um documento eletrônico, por exemplo, que permitem recuperá-lo, descrevê-lo e avaliar sua relevância, manipulá-lo [...], gerenciá-lo, utilizá-lo [...]”. O Museu do Ipiranga não utiliza nenhum padrão de metadados específico, organizando, a partir de suas necessidades informativas, os termos que melhor descrevem a realidade informacional de suas coleções.

Aqui, focamos na definição dos metadados selecionados e aplicados para a descrição da informação dos documentos iconográficos disponibilizados nos acervos digitais em rede, que se encontram na Plataforma Tainacan. No âmbito da gestão de acervos digitais, destacamos as questões sociais relacionadas com as quatro práticas da cultura digital: informacional, comunicacional, relacional e curatorial (MARTINS, 2018). O foco da análise se dá sobre as escolhas de metadados e sua relação com as características da **prática informacional**, mais conhecida como **a cultura do hyperlink**, a saber:

a etimologia da palavra “informação” remete à ideia de dar forma, moldar algo usando os recursos da própria mente. Há algo aqui que possui a característica de um evento, ou seja, há uma dinâmica de moldar algo a partir dos sinais que se recebe do mundo através de capacidade sensorial e sensibilidade e a busca que se move por um desejo de produzir uma forma de representar um significado, uma forma de ver um pedaço do mundo que a lente sintetiza na ideia que se traduz palavra. Energia e forma, produção de uma mettaestabilidade temporária, estrutura dinâmica, a informação se constitui deste encontro entre os sinais do mundo e a lente da intencionalidade, seja ela consciente ou não, daquele que olha. Tem-se aqui todo um conjunto de práticas sociais que podem, então, ser compreendidas: são elas as práticas de moldar, dar forma à matéria do digital e mixar e remixar os elementos simbólicos à luz de sua capacidade automática de processamento (MARTINS, 2018, p. 55).

Nesse contexto, a partir do olhar da prática informacional identificada pelos aspectos sociais da cultura digital, selecionamos a obra *Negro com chapéu* (Figura 8.2), que corresponde à criação selecionada para representar na capa os documentos iconográficos da instituição. Assim, verificamos quais os elementos informativos utilizados para a descrição, e de que forma pesquisadores podem utilizar a fonte para desenvolvimento de pesquisa no âmbito dos acervos digitais em rede.

Ressaltamos que os documentos iconográficos que encontramos em acervos museológicos necessitam do levantamento de características intrínsecas e extrínsecas, uma vez que cada objeto/documento é único dentro da instituição, e que o levantamento informacional envolve tanto informações de seu conteúdo imagético e físico (intrínseco) quanto históricas, simbólicas e conceituais a respeito do que – sob a perspectiva sociocultural – envolve aquela imagem (extrínseco).



Figura 8.2 - Obra “Negro com chapéu”.
Fonte: Universidade de São Paulo, 2023.

Destacamos as categorias de informação descritiva da coleção de documentos iconográficos: **Identificação, Autorias e Produção, Localidade e Datação, Características Físicas, Arranjo e Classificação, Conservação e Restauro**. Para tanto, detalhamos os metadados encontrados em cada categoria para análise e discussão: **Identificação** – Código, Título/Legenda, Denominação e Observações; **Autorias e Produção** – Autoria e Assinatura; **Localidade e Datação** – Século, Década e Data; **Características Físicas** – Técnica, Altura sem moldura, Largura sem moldura, Altura com moldura, Cor, Inscrições, Original ou Reprodução; **Arranjo e Classificação** – Coleção e **Conservação e Restauro** – Estado de Conservação.

Em síntese, constata-se que a grande maioria dos metadados para descrição dos documentos iconográficos do Museu do Ipiranga na Plataforma Tainacan corresponde às informações intrínsecas que podem ser identificadas na própria obra, tanto nos aspectos físicos quanto de conteúdo. Ressalta-se que, em termos de análise imagética, não existe nenhum metadado que indique essa diferenciação.

No que diz respeito à representação da informação, compreendemos que as seleções das categorias para dar forma ao conjunto de metadados de descrição das informações para divulgação dos acervos em rede estão ligadas aos aspectos generalistas de identificação e características das obras. No entanto, em se tratando de uma documentação iconográfica, a descrição da imagem deveria estar detalhada para auxílio dos pesquisadores. Além disso, para que pesquisadores especializados em imagens, que tenham essas como fonte de informação científica, possam utilizar sistemas de gerenciamento de acervos digitais para suas atividades de pesquisa, recomenda-se, de acordo com Kossoy (2001), que os contextos de informação dos metadados contemplem: identidade do documento + características individuais; informações referentes ao assunto (foco na indexação de imagem); informações referentes ao fotógrafo e informações referentes à tecnologia.

Por fim, no que se refere à prática informacional, constatamos o uso dos hiperlinks em cinco metadados: denominação, autoria, cor, original ou reprodução, e coleção. Nota-se que os metadados com indicação de hiperlink revela ao público mais informações da obra relacionadas com outros documentos iconográficos da coleção, como, por exemplo, os 33 itens da coleção Elisário Dupas (CED), que são da mesma autoria. Também podemos clicar na informação “original” e verificar todas as obras descritas, assim como os tipos de “cor” que encontramos no acervo do museu.

A plataforma Tainacan permite reunir diferentes informações relacionadas com diversas obras das instituições, uma vez que seu objetivo é a gestão dos acervos digitais pelas instituições, a fim de facilitar o uso pelas equipes técnicas, bem como oferecer acesso organizado e qualificado para os públicos interessados.

4 Considerações Finais

O projeto Tainacan nasce do encontro entre novas compreensões a respeito do papel e dos impactos da cultura digital nos modos de concepção e funcionamento das instituições de memória na contemporaneidade, além da demanda por novas políticas públicas no campo da cultura. Tais finalidades visam a integrar as possibilidades de gestão de acervos com as perspectivas de uma sociedade que se organiza e se manifesta cada vez mais em rede. Novas tecnologias que flexibilizem a composição de diferentes arranjos e formas de interatividade que constituam objetos digitais singulares, que podem ser usados em novas práticas educacionais, em novos modos de comunicação e em novas formas de extroversão dos acervos é uma necessidade de primeira ordem na defesa e na revitalização social do papel das instituições de memória na sociedade do século XXI. Mais do que estar em rede, busca-se dominar as diferentes formas de criar e compor redes que atendam as demandas culturais de seus articuladores – esse é o desafio que nos espera.

Os documentos iconográficos foram o foco da análise da informação de acervos digitais iconográficos de museus, mais especificamente do Museu do Ipiranga, em SP. O objetivo foi verificar como a Plataforma Tainacan pode ser customizada para a tipologia de acervos e como sua visualidade é apresentada para pesquisadores interessados nela. Ademais, abordamos de que maneira são pensadas e conectadas as etapas da prática da cultura informacional. Como consequência, identificamos os metadados utilizados na descrição da informação dos acervos digitais iconográficos para auxílio da equipe técnica dos museus e dos pesquisadores de imagens nos acervos museológicos, em diálogo com a prática informacional da cultura digital.

Por fim, deve-se ressaltar que o Tainacan é um elemento sociotécnico em que diferentes iniciativas são vistas como parte de um ecossistema de inovação e colaboração de maior alcance. Novos projetos visando à integração do Tainacan com as redes de informação Wikidata, Wikimedia e Wikipedia já estão em andamento. De modo semelhante, também estão em andamento novas experiências visando à incorporação de serviços de aprendizagem de máquina com o objetivo de ampliar o potencial de automação dos processamentos técnicos da documentação em orientações de mestrado e doutorado na área da Ciência da Informação.

Referências

BRASCHER, M.; CAFÉ, L. Organização da informação ou organização do conhecimento? In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 9., 2008, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: Ancib, 2008. p. 1-14. Disponível em: <https://www.brapci.inf.br/index.php/res/v/176535>. Acesso em: 26 abr. 2023.

CAFÉ, L.; SALES, R. Organização da Informação: conceitos básicos e breve fundamentação teórica. In: ROBREDO, J.; BRÄSCHER, M. (org.). **Passeios pelo bosque da informação: estudos sobre a representação e organização da informação e do conhecimento**. Brasília: IBICT, 2010. p. 115- 119.

CAMERON, F. Theorising heritage collection digitisations in global computational infrastructures. In: LEWI, H.; WALLY, S.; VOM LEHN, D.; COOKE, S. (ed.). **The routledge international handbook of new digital practices in galleries, libraries, archives, museums and heritage sites**. Abingdon: Routledge, 2020. p. 55-67.

DIAS, C. V. S. de M.; MARTINS, D. L. Iniciativas brasileiras em torno da construção de uma Política Nacional para Acervos Digitais de Instituições de Memória: o desafio da memória em tempos de cultura digital. **Políticas Culturais Em Revista**, Salvador, v. 13, n. 1, p. 16–46, jan./jun., 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.9771/pcr.v13i1.35616>. Acesso em: 26 abr. 2023.

JONES, S. **The emergence of the Digital Humanities**. New York: Routledge, 2014.

KOSSOY, B. **Fotografia e história**. 2. ed. São Paulo: Ateliê, 2001.

LOYOLA, A. **Pesquisa do CGI.br indica maior presença de museus nas redes sociais**, 18 jun. 2021. Disponível em: <https://www.nic.br/noticia/na-midia/pesquisa-do-cgi-br-indica-maior-presenca-de-museus-nas-redes-sociais/>. Acesso em: 26 abr. 2023.

MARCONDES, C. H. Metadados: descrição e recuperação de informações na Web. In: MARCONDES, C. H.; KURAMOTO, H.; TOUTAIN, L. B.; SAYÃO, L. (org.). **Bibliotecas digitais: saberes e práticas**. 2 ed. Salvador: EDUFBA; Brasília: IBICT, 2006, p. 95-111. Disponível em: <https://livroaberto.ibict.br/handle/1/1013>. Acesso em: 26 abr. 2023.

MARTINS, D. As práticas da cultura digital. **Revista do Centro de Pesquisa e Formação**, São Paulo, v. 1, n. 7, p. 51-60, nov. 2018. Disponível em: <https://pesquisa.tainacan.org/wp-content/uploads/2019/02/ae47437a7b3e.pdf>. Acesso em: 26 abr. 2023.

MARTINS, D. L.; SILVA, M. F. Critérios de avaliação para sistemas de bibliotecas digitais: uma proposta de novas dimensões analíticas. **InCID: Revista De Ciência Da Informação E Documentação**, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 100-121, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2178-2075.v8i1p100-121>. Acesso em: 26 abr. 2023.

MARTINS, D. L.; SILVA, M. F.; SIQUEIRA, J. Comparação entre sistemas para criação de acervos digitais: análise dos softwares livres DSpace, EPrints, Fedora, Greenstone e Islandora a partir de novas dimensões analíticas. **InCID: Revista De Ciência Da Informação E Documentação**, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 52-71, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2178-2075.v9i1p52-71>. Acesso em: 26 abr. 2023.

PUNTONI, P. Rede memorial: cultura digital, redes colaborativas e a digitalização dos acervos memoriais do Brasil. In: GOBEL, B.; CHICOTE, G. (ed.). *Transiciones inciertas: archivos, conocimientos y transformación digital en América Latina*. Berlín: Instituto Ibero-Americano de Berlín. p. 120-152.

TADDEI, R. **Políticas públicas para acervos digitais**: propostas para o Ministério da Cultura e para o setor. São Paulo: [s. n.], 2010.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Museu do Ipiranga. **Página inicial**, 2023. Disponível em: <https://blog.mettzer.com/referencia-de-sites-e-artigos-online/#:~:text=SOBRENO-ME%2C%20Nome.-,T%C3%ADulo%20da%20mat%C3%A9ria.,%3A%20dia%2C%20m%C3%AAs%20e%20ano>. Acesso em: 26 abr. 2023.

COMO CITAR ESTE CAPÍTULO:

MARTINS, Dalton Lopes; PADILHA, Renata Cardozo. Os acervos digitais no repositório Tainacan: análise de representação da informação dos documentos iconográficos do Museu do Ipiranga. In: MACÊDO, Diego José; SHINTAKU, Milton (org.). **Imago**: reflexões para proposição de banco de imagens. Brasília: Ibict, 2023. Cap. 8, p. 108-120. DOI: 10.22477/9786589167440.cap8